

## LUGAR DE FALA, LUGAR DE INSURGÊNCIA

Naira Mariana Ferraz Gomes<sup>1</sup>

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. Belo Horizonte: Pólen, 2020. Coleção Feminismos Plurais.

O livro *Lugar de Fala*, de autoria da filósofa e feminista Djamila Ribeiro, mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo, é o primeiro livro da coleção *Feminismos Plurais*, cujo objetivo é trazer ao grande público uma diversidade temática, como feminismo, racismo, empoderamento, interseccionalidade e questões ligadas a grupos subalternizados historicamente através de uma linguagem acessível, escrita por autores/as negros(as). *Lugar de fala* é o primeiro livro da coleção.

No primeiro capítulo, “Um pouco de História”, a autora questiona a forma como o feminismo hegemônico invisibilizou a luta de mulheres negras e indígenas, produzindo uma *episteme* eurocêntrica. Djamila Ribeiro cita a pensadora brasileira Lélia Gonzalez para ratificar que a luta do feminismo não pode basear-se apenas na crítica ao capitalismo patriarcal, mas deve incluir as opressões de caráter racial, no intuito de se buscar uma descolonização do conhecimento. Menciona ainda Linda Alcoff, afirmando a necessidade de descolonizar o conhecimento para dar visibilidade às identidades sociais.

No segundo capítulo, “Mulher negra: O outro do outro”, a autora começa com uma reflexão a partir do pensamento da filósofa Simone de Beauvoir de como as mulheres nunca foram vistas em sua própria essência, mas sempre em relação ao outro: o homem. Portanto tendo sua natureza destituída de significado próprio, um ser humano inferior, reduzida a um objeto. Por outro lado, destaca que a mulher negra estaria em uma posição ainda mais difícil, citando o pensamento de Grada Kilomba, a mulher negra seria o Outro do Outro, pois ocupa um espaço às margens do gênero e da raça, de apagamento e contradição.

Desta feita, para Djamila Ribeiro (2020, p. 38) é necessário colocar a mulher negra

---

<sup>1</sup> Bacharel em Direito - Universidade Católica de Goiás- Goiânia, GO, Brasil. Pós-Graduada em Direito do Trabalho - Instituto de Educação Superior Unyahna de Barreiras- IESUB, Barreiras, BA, Brasil - [nairagomes27@gmail.com](mailto:nairagomes27@gmail.com).

como uma categoria de análise, já que esta sofre de uma carência dupla: “a antítese de branquitude e masculinidade.” Assim sendo, ressalta a necessidade de deslocar o pensamento hegemônico para ressignificar as identidades de gênero, raça e classe no sentido de dar visibilidade aos sujeitos que tiveram suas histórias invisibilizadas. Para a autora, é necessário constituir a mulher negra enquanto sujeito histórico e político. Ainda neste capítulo, a autora afirma que, para compreensão de lugar de fala, é necessário entender o conceito de “*outsider within*” da escritora Patricia Hill Collins, expressão que traduzida para o português corresponderia a “forasteira de dentro” (Idem, p. 44). Portanto, a mulher negra seria uma forasteira dentro do movimento feminista, pleiteando um lugar de sujeito histórico e político.

No terceiro capítulo, “O que é lugar de fala?”, a autora solidifica sua teoria. Para tal empreendimento baseia-se em duas outras pensadoras: Patricia Hills Collins e Grada Kilomba. Da primeira, extrai o conceito de *Feminist Standpoint Theory* (ponto de vista feminista), o qual ressalta ser necessário entender os grupos a partir das posições que ocupam nas relações de poder, considerando as categorias de raça, gênero, classe e sexualidade como elementos da estrutura social que favorecem as desigualdades. A partir de Grada Kilomba, Djamila evidencia a insurgência ao projeto de dominação colonial que silenciou as vozes e vivências de homens e mulheres negras não sendo possível que emergissem suas histórias sobre colonialismo, racismo e escravidão.

No último capítulo, “Todo mundo tem lugar de fala”, a autora discorre sobre a necessidade de ruptura com o sistema vigente, o qual invisibiliza narrativas de grupos historicamente discriminados. A epistemologia, ciência da aquisição do conhecimento, deve romper hierarquias e a ilusão de neutralidade, desestabilizando o regime discursivo dominante. Para a autora, todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estão inseridas em diferentes *locus* sociais, no entanto, os grupos sociais privilegiados precisam reconhecer as hierarquias produzidas, impossibilitando que os grupos subalternizados tenham suas vozes ouvidas.

A ideia de lugar social refuta a visão universal da mulher, pois a mesma dentro da hierarquia social está entrelaçada às suas condições sociais, rompendo-se assim um discurso único do que é ser mulher. O lugar social restringe oportunidades já que pessoas de classes econômicas com menos poder aquisitivo possuem pouco acesso ao conhecimento. Segundo Djamila Ribeiro, grupos subalternos não têm direito a voz, por estarem num lugar no qual

suas humanidades não foram reconhecidas. Para a autora, o conceito de lugar de fala marca o rompimento do discurso único e universal, pois ao dar voz aos grupos subalternizados, constata-se que os indivíduos partem de lugares sociais diferentes: uma mulher negra tem experiências distintas de uma mulher branca, já que possuem vivências distintas, determinadas por sua raça e classe.

A obra *Lugar de Fala* chama à reflexão sobre como tem sido escrita e interpretada a História: Quem ouvimos? Quem deixamos de ouvir? Que vozes foram silenciadas? A construção de um pensamento hegemônico eurocêntrico não reconheceu humanidade aos grupos situados às margens do poder, posto que, suas realidades foram inseridas dentro de uma visão de mundo colonial que já possuía um paradigma social, político e econômico do que seria correto, não permitindo que vivências sociais que fugissem a essa perspectiva florescessem.

A partir da leitura do livro, podemos compreender que “Lugar de fala” está relacionado ao resistir para existir. Trata-se da tentativa de entender os indivíduos a partir do grupo social do qual fazem parte, suas condições sociais, para que suas humanidades sejam reconhecidas em sua plenitude, considerando que homens e mulheres partem de diferentes condições sociais de raça, classe e gênero. Trata-se também, de ver a história sob uma perspectiva diferente: a dos grupos invisibilizados pelas desigualdades e hierarquias. É ruptura do silêncio daqueles que estão às margens do discurso hegemônico, é insurgência, é incômodo, é resistência, é existência!